

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO NOTURNO: DESAFIOS E METODOLOGIAS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL OLAVO BILAC

MARINA MARTINS PORTELA¹; NICOLE GOUVEIA²; SAMUEL VÖLZ LOPES³;
LUIZ CARLOS RIGO⁴;

¹Universidade Federal De Pelotas – portelammarina@gmail.com

²Universidade Federal De Pelotas – nickgouveia65@gmail.com

³EMEF Olavo Bilac – samuelvolzlopes@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – Luiz Carlos Rigo – rigo@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é uma iniciativa do MEC (Ministério da Educação), financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tem como objetivo fortalecer a formação de professores para a educação básica. Segundo o MEC (2013, p. 7), “o PIBID visa oportunizar aos licenciandos a participação em experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras, articuladas com a realidade da escola.” O programa oferece bolsas a estudantes de licenciatura para que participem de atividades pedagógicas em escolas públicas, promovendo a integração entre universidades e escolas, com foco na melhoria da qualidade do ensino e na valorização da carreira docente.

O presente texto trata da experiência das bolsistas de iniciação a docência licenciadas em educação física pela UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, no bairro Fragata, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A escola atende estudantes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, incluindo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e desempenha um papel fundamental na formação educacional e social da comunidade local. As vivências descritas a seguir, apresentam um pouco da realidade escolar no ensino noturno, são ações que fortalecem o processo de ensino-aprendizagem e promovem a inclusão e o desenvolvimento de aspectos físicos, cognitivos, sociais e culturais dos alunos.

A Educação Física no ensino noturno apresenta particularidades que exigem reflexões e adaptações metodológicas. Diferente do turno diurno, o noturno é majoritariamente frequentado por estudantes trabalhadores, de diferente idades, que chegam à escola após um longo dia de atividades. Segundo Arroyo (2005, p. 34), “os alunos da EJA trazem para a escola não apenas cansaço físico, mas também saberes e vivências que precisam ser reconhecidos como ponto de partida para o trabalho pedagógico”, muitas vezes com cansaço físico e mental.

Essa realidade impõe desafios específicos à prática pedagógica da Educação Física, como a baixa participação, o desinteresse momentâneo, ou ainda a dificuldade de acesso a espaços adequados e materiais para a realização

das aulas, com o intuito de superar as barreiras relacionadas à participação e ao desinteresse dos alunos, foram incorporados recursos como a utilização de músicas em determinados momentos das aulas, favorecendo a descontração e o relaxamento mental. Ademais, ao final das atividades, realizaram-se momentos de diálogo com os estudantes, a fim de avaliar a percepção deles sobre a aula, identificar aspectos passíveis de aprimoramento e levantar sugestões de práticas a serem desenvolvidas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS



Figura 1: Esporte de precisão.
Fonte: Arquivo pessoal.
Junho/2025

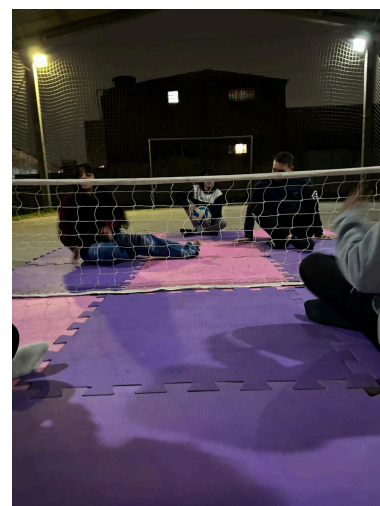


Figura 2: Esportes de rede.
Fonte: Arquivo pessoal.
Agosto/2025

As atividades propostas ao longo da intervenção foram baseadas em três blocos dos conteúdos da Educação Física escolar: esportes de marca, esportes de precisão e esportes de rede. Entre as práticas desenvolvidas, destacam-se: jogos de arremesso com alvos variados, como acertos em garrafas, cones e aros (esporte de precisão), vôlei adaptado com balão, peteca e rede baixa (esporte de rede), e modificações lúdicas com introdução de música nas atividades, como circuitos de movimentos com ritmos escolhidos pelos próprios alunos. Essas ações lúdicas objetivam aumentar o engajamento e tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas.

Durante as intervenções pedagógicas foram utilizados materiais simples, como cones, bolas de diversos tamanhos, balões, aros, garrafas PET, entre outros. Equipamentos de som também foram inseridos, criando um ambiente mais descontraído. A maior parte do material foi reaproveitada ou improvisada, respeitando os recursos disponíveis na escola.

Essas atividades foram pensadas a partir da escuta ativa dos alunos. Esses também costumam utilizar as aulas de Educação Física para conversar e compartilhar questões pessoais do cotidiano. Assim, as aulas de Educação Física contribuem para promover relações de amizade e uma maior sociabilidade entre eles.

Durante a escuta ativa, uma aluna compartilhou aspectos de sua vida pessoal, relatando que trabalha longe de casa e percorre o trajeto a pé todos os dias, para garantir que suas filhas possam estudar. Relatos assim, evidenciam as

dificuldades que a maioria dos adultos que não concluíram a escolarização em idade regular enfrentam para concluir o ensino médio.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da atuação que estamos tendo na escola (desde novembro de 2024) percebemos que o PIBID qualifica a formação dos acadêmicos de licenciatura e também a realidade escolar (alunos e professores). Os bolsistas podem proporcionar diferentes metodologias, jogos, atividades lúdicas e abordagens que enriquecem as aulas de educação física, e gera uma troca entre o conhecimento acadêmico atualizado e a prática do cotidiano escolar, além de auxiliar o professor supervisor para planejar e executar as aulas.

Diante das dificuldades encontradas na EJA, torna-se fundamental repensar as metodologias utilizadas, buscando estratégias mais atrativas, significativas e acessíveis, que respeitem o contexto dos alunos e valorizem suas experiências de vida. Para Darido e Rangel (2015, p. 37), “a Educação Física escolar deve dialogar com a realidade sociocultural dos alunos, possibilitando aprendizagens significativas e inclusivas.”

Dar aulas no ensino noturno pressupõem fazer uso de uma metodologia mais participativa que prioriza a autonomia dos alunos, abrindo espaço à reflexão crítica e ao diálogo construtivo. Pois como afirma Freire (1996, p. 69), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Assim, compreendemos que a atuação na Educação Física no ensino noturno, especialmente no contexto da EJA, exige sensibilidade, flexibilidade e abertura ao diálogo. As experiências vivenciadas ao longo do semestre demonstraram que, apesar dos desafios, é possível construir práticas pedagógicas inclusivas e participativas, que respeitem a trajetória dos estudantes e valorizem seus saberes. O PIBID, nesse processo, mostrou-se como um espaço de aprendizagem e troca de grande relevância, possibilitando que futuros professores vivessem a realidade escolar de forma crítica e transformadora. Dessa maneira, reafirma-se a importância de pensar a Educação Física não apenas como disciplina curricular, mas como um campo de formação cidadã, capaz de promover saúde, bem-estar, integração social e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: MEC/CAPE, 2013.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2012